

Os geossímbolos como marcadores de territórios culturais na festa da Caretada realizada na comunidade quilombola São Domingos localizada em Paracatu-MG¹

Carolina Guimarães Starling de Souza ²

Glória Maria Vargas Lopez de Mesa³

Resumo

A comunidade quilombola São Domingos está localizada na área urbana de Paracatu-MG e tem sua formação territorial associada aos processos de exploração do ouro no período colonial. O São Domingos possui um universo simbólico repleto de representações culturais, com destaque para a festa da Caretada, realizada no mês de junho, em homenagem à São João Batista. A Caretada possui sua origem associada às festas organizadas pelas irmandades católicas que congregavam a população negra e conhecida como parda em Paracatu. O objetivo do artigo foi identificar e compreender os geossímbolos e as representações simbólicas dessa comunidade a partir do microcosmo da festa e analisar as relações entre as dimensões material e simbólica do território. Como procedimentos metodológicos foram realizados pesquisa histórica e documental, observação participante e entrevistas narrativas. Os geossímbolos demarcam territórios simbólicos e revelam, ao serem compreendidos em conjunto, elementos da visão de mundo de um grupo cultural. A partir da análise que realizamos, discutimos alguns aspectos do universo cultural do São Domingos como as dimensões do sagrado, as relações de parentesco, a valorização dos ancestrais e as relações com a natureza.

Palavras-chave: geossímbolos, “espaço-território”, território cultural, festas.

Abstract

The São Domingos community is located in the urban area of Paracatu and has its territorial formation associated with the processes of gold exploration in the colonial period. São Domingos has a symbolic universe full of cultural representations, especially the Caretada festival, held in June in honor of Saint John the Baptist. The Caretada has its origins in the festivals organized by the Catholic brotherhoods that brought together the black and, admittedly, brown population of Paracatu. The aim of the article was to identify and understand the geosymbols and symbolic representations of this community from the microcosm of the festival and to analyze the relationships between the material and symbolic dimensions of the territory. Methodological procedures included historical and documentary research, participant observation and narrative interviews. Geosymbols demarcate symbolic territories and, when understood together, reveal elements of a cultural group's worldview. Based on our analysis, we discuss some aspects of the São Domingos cultural universe, such as the dimensions of the sacred, kinship relations, valuing ancestors and relations with nature.

¹ Esse artigo é resultado de pesquisa de Doutorado defendida no Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, em 2022, com o título: “A relação entre as dimensões material e simbólica do território na comunidade quilombola São Domingos, localizada em Paracatu-MG”.

² Concluiu Doutorado pela Universidade de Brasília em 2022. E-mail: carolstarling84@yahoo.com.br.

³ Professora Associada da Universidade de Brasília. E-mail: yoya@unb.com.br

Keywords: geosymbols, "space-territory", cultural territory, festivals.

INTRODUÇÃO

A comunidade quilombola São Domingos está localizada em Paracatu-MG e tem sua formação territorial originada a partir dos processos de exploração do ouro na região, que teve seu auge no século XVIII. Nesse período, se constituiu um núcleo urbano denominado *Arrayal de São Domingos* que, com o declínio da mineração, passou a ser ocupado por grupos de ex-escravizados que permaneceram no local ou se dirigiram para essa região. Atualmente, o São Domingos faz parte da área urbana de Paracatu e está situado a, aproximadamente, 3 km do centro da cidade.

A comunidade São Domingos possui um universo simbólico repleto de representações culturais que remetem à visão de mundo dos moradores e à dinâmica de ocupação territorial, com referências à cultura africana de origem, que se misturam com a religiosidade católica e com a relação estabelecida com o ambiente geográfico. Uma das principais manifestações culturais que caracterizam a identidade coletiva da comunidade é a festa da Caretada, realizada no dia 23 de junho, em homenagem à São João Batista.

A Caretada possui sua origem associada ao período colonial e às festas organizadas pelas irmandades católicas que congregavam a população negra e considerada parda em Paracatu. A festa é caracterizada pelas danças e cortejos desenvolvidos por homens mascarados que se vestem de “cavalheiros” e “damas” e circulam pelo território, cantando a Marcha de São João Batista, com permanência em pontos estratégicos onde são realizados rituais, como o hasteamento do mastro em homenagem ao santo. A cada parada nos quintais são servidas refeições para todos os participantes da festa.

Os geossímbolos e outras formas de representação que fazem parte do universo simbólico da Caretada remetem aos valores que compõem a cultura do São Domingos. A festa representa, portanto, um “espaço-território”, termo utilizado pelo geógrafo francês Joel Bonnemaison (2002) para se referir ao espaço geográfico, que ao ser apropriado pela cultura, se transforma em território. O autor define os geossímbolos como lugares e itinerários que representam a visão de mundo de uma cultura e que demarcam territórios simbólicos.

A partir desses elementos teóricos, definimos como objetivo do artigo identificar e compreender os geossímbolos e as representações simbólicas da comunidade São Domingos presentes no microcosmo da Caretada e analisar as relações entre as dimensões material e

simbólica do território. Adotamos, portanto, uma abordagem não dicotômica que compreende, de maneira integrada, o ambiente físico e os processos de representação cultural. Nesse sentido, entendemos que o “espaço-território” da festa nos permite adentrar nos valores característicos da comunidade que se revelam através da cultura e da organização territorial.

METODOLOGIA

Para a construção da pesquisa que deu origem ao artigo, nos inspiramos na fenomenologia, como orientação epistemológica, que nos permitiu adentrar no campo dos valores, crenças e representações simbólicas. A partir das experiências dos sujeitos e da observação dos fenômenos que se manifestam na realização da festa, nas suas dinâmicas e rituais, buscamos compreender os significados existentes nas diferentes formas de linguagem, incluindo a “escrita” geossimbólica. Combinamos essa perspectiva com a caracterização material do território e a investigação sobre o processo histórico de formação do São Domingos e de Paracatu.

Nesse sentido, realizamos pesquisa histórica e documental a partir de consulta ao acervo do Arquivo Público Municipal Olympio Michael Gonzaga, com ênfase na documentação encontrada sobre as irmandades negras católicas e sua atuação na vida cultural de Paracatu. Para caracterizar o ambiente geográfico e suas transformações ao longo do tempo, recorreremos, também, aos relatos de viajantes que passaram pela região como o francês Auguste de Saint-Hilaire (1937) e à produção bibliográfica de memorialistas que se dedicaram à historiografia local como Antônio de Oliveira Mello.

Esses levantamentos nos permitiram compreender e contextualizar os geossímbolos e as representações simbólicas do São Domingos e suas transformações ao longo do tempo. A Caretada tem sua origem no período colonial, nas festas organizadas pelas irmandades negras, celebrações que carregavam características do barroco, como a devoção aos santos católicos, mescladas com elementos de origem africana, expressão de resistência à dominação ideológica colonial.

Nessas celebrações era comum a circulação pelo território através das procissões, fogos de artifícios, a oferta farta de alimentos, o ritual de hasteamento da bandeira em homenagem aos santos, o desfile de mascarados, entre outros elementos que ainda podem ser observados na festa da Caretada. As irmandades negras de Paracatu, como a de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, realizavam, também, rituais de coroação de reis e rainhas negros, bastante característicos das congadas de Minas Gerais.



Para identificar os geossímbolos e compreender alguns dos seus significados e de outras representações culturais do São Domingos, realizamos itinerário de campo, com observação participante na festa da Caretada e entrevistas narrativas com moradores. Optamos por essa modalidade de entrevistas por permitir, a partir do diálogo livre e das histórias relatadas pelos sujeitos, adentrar no contexto social e histórico e no universo das crenças e valores tanto individuais quanto coletivas. (MUYLAERT et al, 2014).

Nesse sentido, elaboramos um roteiro prévio apenas como um guia para orientar as entrevistas e os interlocutores foram encorajados a relatarem acontecimentos e histórias de vida de forma espontânea. As informações obtidas foram complementadas com diário de campo, observação e registros fotográficos. A amostragem foi selecionada a partir do potencial de contribuição das fontes, considerando os objetivos definidos. Foram priorizados os sujeitos que possuem vivências relacionadas à memória da comunidade e às práticas culturais. Como critério para o encerramento da coleta de informações utilizamos a saturação, considerando que as informações começaram a se repetir e que já havíamos alcançado elementos essenciais que nos permitiram realizar a discussão proposta.

Buscamos, portanto, na metodologia escolhida uma abordagem que contemplasse tanto a caracterização material do território, a partir da investigação histórica e da observação do ambiente geográfico, quanto uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos e dos seus significados através das experiências dos sujeitos, principalmente em elementos compartilhados que remetem à identidade coletiva.

O intuito foi identificar a estrutura geossimbólica da festa constituída a partir de pontos de paradas e percursos e compreender o que ela revela sobre a visão de mundo, as crenças e os valores principais que permeiam o universo cultural do São Domingos e que se expressam através de diversas formas de linguagem simbólica. Cabe pontuar que intenção foi apreender elementos fundamentais e que sintetizam de maneira mais ampla esses significados, que são múltiplos e estão em permanente processo de transformação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a construção desse artigo entendemos os geossímbolos como marcadores territoriais, que, por se tratarem de representações, possuem um conteúdo simbólico que remete aos valores e crenças de um grupo cultural, conforme conceito proposto por Joel Bonnemaïson (2005). Para esse autor, os territórios culturais se configuram a partir de uma trama de lugares

hierarquizados e independentes que desenham um “traçado no solo” que revela aspectos característicos da cultura de um grupo.

Nesse sentido, buscamos, a partir dos geossímbolos identificados na festa da Caretada, compreender elementos substanciais da visão de mundo dos moradores, que se revelam no território material e, ao mesmo tempo, são construídos e transformados a partir da vivência que o grupo possui do ambiente geográfico. A análise geossimbólica permite uma abordagem não dicotômica, uma vez que as representações simbólicas são permeadas por referências que remetem à relação com o território material e à dimensão cultural manifestada territorialmente através dos geossímbolos.

Os geossímbolos, apesar de serem vivenciados no cotidiano, possuem uma dimensão que transcende as experiências individuais e expressam a identidade cultural compartilhada entre os membros de um grupo. Desse modo, reforçam a coesão social e a diferenciação perante outros grupos, demarcando territórios.

Na Caretada, por exemplo, a máscara é um objeto simbólico que caracteriza os “caretas” e sua utilização demarca ações e rituais exclusivos desses participantes no território reconhecido coletivamente. As máscaras remetem, também, ao contexto das comemorações realizadas pela população escravizada no período colonial e possui significados atribuídos à cultura africana de origem. Observamos, portanto, um objeto material com conteúdo simbólico que constitui um referencial territorial, cujo significado remete aos valores coletivos. Desse modo, além dos pontos fixos e itinerários, os objetos, também, podem ser considerados geossímbolos quando constituem representações simbólicas que possuem uma dimensão territorial.

Segundo Meneses (2016), os artefatos materiais se configuram como geossímbolos quando possuem referenciamento espacial, são dotados de centralidade, conectam um grupo à sua memória coletiva e possuem valor simbólico, atemporal e contínuo. O conteúdo dos geossímbolos são múltiplos, estão enraizados no universo da cultura e se relacionam, também, com o processo histórico de formação territorial. Eles são marcos da apropriação simbólica do espaço que configura os territórios culturais. (BONNEMAISON, 2005).

Para Aureanice Correa (2006), os africanos desterritorializados do seu local de origem em razão da escravidão, recriam essa memória coletiva mediante as práticas culturais, materializadas através dos geossímbolos. Na Caretada essa dinâmica é bastante visível nos alimentos, figurinos, nos ritmos, sons, cores e rituais que estruturam a festa. Para essa autora, os geossímbolos podem ser compreendidos como significações culturais espaço-temporais relacionadas com a identidade de um grupo.

Para Bonnamaison (2002), os geossímbolos fazem parte do sistema cultural de um grupo, organizado a partir de crenças (mitos de origem, geossímbolos, memória e representações), conhecimentos, técnicas e espaço. Essa abordagem contempla tanto a dimensão material quanto simbólica do território, cuja interdependência constitui uma das feições primordiais dos geossímbolos que, além de fazerem parte do sistema cultural, se relacionam com os outros elementos desse sistema territorial, o que observamos, por exemplo, nos lugares de memória.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Di Méo (2001), as festas fazem parte da vida social e da identidade coletiva de um grupo cultural e refletem as relações com o território, através da produção de símbolos e representações espacializados. No microcosmo da festa é possível adentrar nos valores mais profundos que constituem uma cultura, como por exemplo, as relações com o sagrado. As festas oferecem, também, uma possibilidade de compreender os vínculos estabelecidos com o território. De acordo com o autor, elas permitem identificar os símbolos espacializados através dos quais os grupos vivenciam seus contextos geográficos e fortalecem suas particularidades.

O processo histórico da Caretada remete às festas organizadas pelas irmandades católicas no período colonial, em que era comum a circulação pelo território para a arrecadação de donativos e a realização de rituais em homenagem aos santos católicos, como o hasteamento da bandeira, as procissões, as danças e os gestos teatrais. Nas cerimônias de coroação de reis e rainhas negros costumavam ser realizadas procissões e a apresentação de grupos que simulavam lutas, sendo registrada, também, a presença de figuras mascaradas. (TINHORÃO, 2000).

Na Caretada, a homenagem à São João Batista acontece a partir das danças e percursos realizados pelos “caretas”, que utilizam máscaras e figurinos coloridos e são seguidos pelos demais participantes da festa, realizando “giros” pelo território e paradas em alguns pontos principais, onde são feitas as refeições. A festa reforça a união do grupo e os rituais são transmitidos entre as diferentes gerações. Além da comemoração de São João, a festa representa uma homenagem aos antepassados dos moradores.

Os brincantes dançam e percorrem o território e as famílias abrem os quintais de suas casas para receber a festa e preparam os alimentos que são oferecidos em cada parada. A presença de uma fogueira no quintal demonstra que a casa está preparada para receber os participantes. Os fogos de artifício sinalizam os movimentos de chegada e partida, assim como



os comandos do “capitão”, figura que atua como uma espécie de maestro. A festa tem início no dia 23 de junho e termina com um almoço no dia 24, também conhecido como “arremate”.

As festas católicas realizadas pela população negra no período colonial eram repletas de referências à cultura africana, presentes nas danças, na música, no figurino, nos rituais, na culinária. (MELLO, 2006). Através das festas, os negros imprimiam aspectos de sua cultura aos cultos católicos tradicionais. (DA SILVA, 2003). O catolicismo popular praticado no São Domingos reflete essa origem africana, com influência nas diferentes formas de linguagem simbólica da festa.

Figurino dos Caretas



Fonte: A Autora, 2019.

A partir da identificação de objetos, pontos fixos e itinerários buscamos compreender a estrutura geossimbólica da Caretada. Nesse sentido, os principais locais em que a festa acontece são os quintais (**Geossímbolo 1**), onde a fogueira (**Geossímbolo 2**) é um marcador que simboliza que a residência está pronta para receber os “caretas” e os demais participantes, onde também são servidos alimentos para todos os presentes (**Geossímbolo 3**). Na casa de uma das moradoras, D. Cristina Coutrim (**Geossímbolo 4**) é realizado o ritual de hasteamento do mastro com a bandeira em homenagem à São João Batista. O almoço de “arremate” da festa é realizado na casa do Sr. Nicolau (**Geossímbolo 5**). Grande parte dos trajetos passa pela rua principal, também, conhecida como São Domingos (**Geossímbolo 6**). As máscaras (**Geossímbolo 7**), também, demarcam territorialidades e ações restritas aos “caretas” e podem ser consideradas objetos geossimbólicos. Outro ponto de parada é a igreja, onde são realizadas reverências aos ancestrais (**Geossímbolo 8**).



Subida do mastro em homenagem à São João



Fonte: A autora, 2019.

Observamos uma demarcação territorial da festa a partir dos principais geossímbolos que não é fixa, mas se altera a medida em que as dinâmicas culturais e sociais são transformadas. Esses geossímbolos, ao serem compreendidos em conjunto, revelam aspectos fundamentais dos valores característicos da comunidade que se expressam, também, na sua organização territorial. Os geossímbolos constituem formas de comunicação, símbolos com implicações espaciais, cujo significado não é imediatamente apreendido. (CÔRREA, 2006). Nesse sentido, buscamos entender o universo cultural do São Domingos por meio dessas representações territorializadas que compõem a festa.

A dinâmica da Caretada remete às relações dos moradores com **o sagrado**, manifestada através do catolicismo popular, que inclui as festas em homenagem aos santos. Esse catolicismo, sincretizado com elementos da cultura africana, se manifesta no cotidiano da comunidade, na prática de frequentar a igreja, nas celebrações em devoção aos santos, nas imagens presentes nas casas e em diversas outras representações culturais. O próprio nome da comunidade é atribuído a um milagre realizado por São Domingos Gusmão, que passou a ser considerado padroeiro e protetor dos moradores a partir da narrativa que configura um mito de origem.

A dimensão espiritual perpassa toda a dinâmica da festa, uma vez que a presença dos “caretas” celebra São João Batista e representa essa sacralidade, vivenciada através da música, das danças e dos rituais que adentra os quintais dos moradores que recebem a festa. Essa tradição é transmitida entre diferentes gerações e a homenagem ao santo de devoção está presente na marcha entoada pelos brincantes, no hasteamento da bandeira, nas saudações realizadas e em diversos outros momentos e rituais da festa.



Um dos principais pontos de parada é realizado na igreja, geossímbolo da comunidade que remete às primeiras ocupações da região pelos bandeirantes, cujos significados foram transformados a partir da apropriação e vivência do território pelos moradores. A igreja histórica do *Arrayal de São Domingos* foi demolida devido ao seu estado de conservação e substituída por uma construção mais recente erguida no local. Além do seu papel relacionado com a manifestação da fé, a igreja é um ponto de encontro, lugar de socialização e congregação, onde são realizados rituais como missas, casamentos, festas, batizados, entre outros.

As **relações de parentesco**, em que é comum o casamento consanguíneo e a construção de casas em um mesmo lote, também, se revela a partir da dinâmica da festa. Os quintais são pontos de encontro abertos a todos os participantes, já que a comunidade é composta por pessoas que pertencem aos mesmos troncos familiares.. Essa dinâmica cultural se reflete na dimensão territorial, na organização das casas, nos espaços de uso coletivo e está presente na própria toponímia das ruas que homenageia membros da comunidade que já faleceram e demonstram uma certa coesão social.

Ali mesmo tem o nome da rua José Lopes, que é meu irmão que já faleceu e é daqui do São Domingos, tem Luzia das Neves, tem vários nomes das ruas, que foram homenagens a pessoas que já faleceram. (Entrevista realizada em 28/04/2022).

Outro elemento que faz parte da visão de mundo da comunidade é a valorização dos **ancestrais** que são lembrados em diversos momentos da festa. A própria realização da Caretada é uma forma de homenagear os ancestrais. Em um dos rituais mais importantes do evento, o hasteamento do mastro com a imagem de São João, são saudados os familiares dos moradores que já morreram. A marcha de São João Batista, cantada durante toda a festa também é uma forma de reverenciar e lembra-los.

O culto e a proximidade com os antepassados possui uma relevância muito grande na cultura africana. De acordo com Reis (1991) tanto os portugueses como os africanos possuíam rituais significativos dedicados aos mortos, como funerais e cerimônias de despedida e preparação. Para Souza (2006), as religiões africanas consideram a existência de um plano espiritual onde vivem os ancestrais. Essa relação com a ancestralidade permeia diversos rituais e símbolos da Caretada.

A comunidade São Domingos, apesar de ser considerada um bairro de Paracatu, apresenta uma organização territorial própria, marcada por uma mistura entre elementos urbanos e rurais e que expressam **as relações dos moradores com a natureza**. As casas de membros de uma família são construídas em um mesmo lote, onde, também, são cultivadas hortas e roças, configuração bastante distinta dos bairros vizinhos que possuem características mais urbanas.



O território é marcado por diversos elementos que remetem a um território rural como as amplas áreas de vegetação e cultivo, a criação de animais, a ausência de asfalto em algumas ruas e alguns elementos sonoras, como os barulhos das árvores, do córrego e dos animais, o que pode ser percebido ao percorrer o local. A comunidade possui, também, duas fazendas e algumas chácaras. Essas amplas áreas de vegetação podem ser observados na imagem abaixo, produzida pelo INCRA (2009).

Vista panorâmica da comunidade São Domingos.



Fonte: Meneses (2008) *apud* Gama (2014)

A culinária da festa, também, tem relação com a dinâmica territorial e os pratos típicos são preparados utilizando ingredientes cultivados no local, tais como o milho e a mandioca. Na Caretada costumam ser servidas refeições como galinhada, caldo de frango, feijão tropeiro e farofa de feijão Andu, espécie característica do local. São combinados, portanto, elementos da cultura alimentar mineira e quilombola com a utilização de ingredientes encontrados e cultivados na comunidade.

Ao serem compreendidos em conjunto, os geossímbolos revelam, portanto, aspectos mais profundos ligados à dimensão cultural do São Domingos que correspondem aos valores e visões de mundo dos moradores, muitos deles herdados da cultura africana de origem. Algumas características das festas barrocas e do catolicismo popular, também, estão presentes e foram adaptadas e transformadas a partir do processo histórico, das vivências e da visão de mundo compartilhada.

Através do microcosmo da festa da Caretada, buscamos compreender o “espaço-território” do São Domingos em uma perspectiva que compreende as dimensões material e simbólica de forma integrada. Os geossímbolos, além de demarcarem territórios simbólicos, são representações cujos conteúdos nos permitem adentrar o campo dos valores coletivos que compõem um grupo cultural e que influenciam a sua relação com o território material. Os geossímbolos possibilitam, portanto, uma leitura territorial não dicotômica e que nos permite compreender elementos que compõem a identidade coletiva de um grupo.

O universo simbólico da Caretada é caracterizado pelo catolicismo popular, com forte influência das festas organizadas pelas irmandades no período colonial e da cultura africana de origem. A Caretada possui geossímbolos que demarcam territórios culturais que são móveis e circunstanciais e fortalecem a comunidade em seus laços afetivos e sociais. A festa se realiza a partir dos giros e paradas pelo território, e a sua organização manifesta a apropriação cultural do espaço que produz territórios simbólicos.



REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Joel et al. **Culture and space: conceiving a New Cultural Geography**. London: Id Taurus, 2005.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L, ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.

CORRÊA, Aureanice de Mello. **O terreiro de candomblé: uma análise sob a perspectiva da geografia cultural**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 51-62, 2006.

DA SILVA. M. C. **Território de símbolos: As irmandades negras na Paracatu setecentista**. (Dissertação de Mestrado). Brasília-DF. Departamento de História, Universidade de Brasília, 2003.

DI MÉO, G. **La Geographie en fête**. Paris: Ed. Geophrys, 2001.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagens às nascentes do Rio São Francisco e pela província de Goyaz**. Tradução e notas: LESSA, Clado Ribeiro de. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1937, pp. 196-291.

SOUZA, M. M. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MELLO, Antônio de Oliveira. **Minha Terra: suas lendas e seu folclore**. 3. ed. Paracatu: Edição da Câmara Municipal de Paracatu, 2008.

MENESES, Karina Cruz Arroyo. As espacialidades islâmicas xiitas: os geossímbolos na construção de uma identidade particular/The Islamic Shiite spatiality: the geosymbols in building a particular identity. **Caderno de Geografia**, v. 26, n. 45, p. 1-10, 2016.

MUYLAERT, C. J. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, p. 184-189, 2014.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo: Editora 34, 2000.